

## Jornalismo Cultural e Formação Universitária

Vitor Necchi<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto apresenta uma reflexão sobre o papel da universidade na formação de profissionais que pretendem atuar em jornalismo cultural. Também discute a prevalência da opinião nas editorias de cultura e a necessidade de se diversificar e qualificar a prática profissional nesse segmento.

**Palavras-chave:** Jornalismo cultural; ensino; e universidade.

A universidade tem, entre suas prerrogativas, o exercício da crítica e da reflexão. No Brasil, além disso, há uma estreita vinculação da universidade com a formação de natureza profissional. De uma maneira geral, as famílias ambicionam que seus filhos tenham acesso ao ensino superior a fim de conquistar uma profissão. Claro que na prática a situação adquire outras configurações. Primeiro, porque poucos têm acesso à universidade – o que não é de todo um problema, na medida em que a formação superior não precisa ser disseminada e massiva, ao contrário do que deveria ocorrer com a educação em níveis fundamental e médio. Segundo, porque a simples obtenção de um diploma não garante necessariamente competência e emprego. Mas, se a universidade deveria ser o espaço da crítica e da reflexão, como garantir, de fato, que ambas estejam presentes na formação e na atuação de um jornalista que pretende trabalhar em uma editoria tradicionalmente chamada de cultura?

Antes de tudo, para se fazer uma reflexão criteriosa e honesta acerca dessa questão, é necessário atenuar um tanto do preconceito que de maneira habitual o chamado mercado evoca ao se referir aos cursos de jornalismo. Não raro é apregoado que os profissionais chegam às redações despreparados. No 1º Congresso de Jornalismo Cultural, realizado em maio de 2009 em São Paulo pela revista *Cult*, uma das participantes afirmou que a formação propiciada pelas faculdades é inócua e que pouca diferença faria se os jovens tivessem saído diretamente do ensino médio para as redações.

A colocação é evitada de exagero. Não se pretende afirmar que os cursos cumprem com sucesso

---

<sup>1</sup> Vitor Necchi (PUC/RS, Porto Alegre, RS), 39 anos, é mestre em Comunicação Social pela PUC/RS e jornalista pela UFRGS. Leciona disciplinas de mídia impressa, texto jornalístico, jornalismo literário e jornalismo cultural. É editor da revista Norte. Já foi repórter, chefe de reportagem e editor assistente do jornal Zero Hora, atuando nas editorias Geral, Segundo Caderno e Pesquisa. Selecionado pelo texto “Jornalismo Cultural e a Formação Universitária”. (vitor.necchi@puhrs.br – 51 8111 9229)

absoluto a formação de jornalistas, mas, da mesma forma, não se pode sugerir a generalização do fracasso. Caso contrário, comete-se uma grande injustiça com as instituições sérias, com seus professores e, sobretudo, com os alunos. Claro que existem jornalistas com formação precária, que escrevem mal ou que são desatentos a princípios da ética, mas a calamidade não é prerrogativa exclusiva do jornalismo. Não se trata de atenuar o erro. Trata-se de não estigmatizar um grupo com generalizações.

O desprezo que alguns profissionais do mercado costumam projetar na formação superior desconsidera o fato de que a universidade impacta substancialmente a vida de um estudante. Se o aluno está disposto a crescer, se mergulha nas diversas possibilidades do processo de ensino-aprendizagem, se busca ampliar seu repertório para além do previsto nas ementas das disciplinas, se tensiona esse mesmo repertório de maneira crítica, se, sobretudo, o aluno quer aprender, a universidade é o ambiente vocacionado e propício. Sozinha, no entanto, ela fracassa. O aprendizado resulta da combinação entre a decisão do universitário de querer aprender e a qualidade da instituição. A transformação decorre não apenas do processo formal de cursar uma graduação, mas do conjunto de experiências em um dos mais intensos períodos da existência do indivíduo, quando os alunos oscilam da insegurança à confiança, compartilham afetos, fazem descobertas.

Feita essa ressalva, volta-se ao tema inicialmente proposto: como estimular a crítica e a reflexão na formação de jornalistas que se ocupam da editoria de cultura. Não há uma disciplina específica para isso, obviamente. Crítica e reflexão resultam do princípio adotado pelas universidades e pelos seus professores na construção do projeto pedagógico do curso – em particular na definição do currículo. Crítica e reflexão também resultam do permanente tensionamento realizado com os alunos nos diversos espaços e momentos onde se dá o processo de ensino e aprendizagem. Seja uma sala de aula, um laboratório, o saguão ou o bar da faculdade.

Os currículos merecem destaque nessa discussão. Jornalismo não é um curso técnico, embora esse campo do conhecimento necessite de técnica. No percurso formativo, duas dimensões devem ser articuladas: uma teórica e outra teórico-prática. A primeira permite a compreensão dos princípios que explicam e definem o jornalismo e as demais áreas do conhecimento, com os quais o aluno consegue incidir de maneira mais qualificada sobre a prática. A segunda dimensão, em permanente tensionamento com os saberes provenientes do aprofundamento teórico, permite ao aluno dar forma e sentido a narrativas jornalísticas levando em conta a especificidade e a singularidade das linguagens, dos suportes, das mídias e, em especial, estando atento aos contextos social, econômico e político em que se insere a atividade jornalística.

O domínio das ferramentas, das linguagens e dos suportes cada vez mais ganha espaço na dinâmica da mídia e precisa compor a formação dos alunos, mas as disciplinas devem contemplar, sobretudo, uma gama de conhecimentos que provoquem e desestabilizem. Se a vida é processo – e por vezes vertigem –, os cursos devem potencializar a tensão que deve pautar a carreira de um jornalista.

Mais do que ensinar técnicas, os cursos precisam vivenciar ética. E, no que tange especificamente ao jornalismo cultural, é preciso despertar nos alunos o prazer e a necessidade pela formação de um repertório. A constituição de um repertório, assim como a capacidade de se extrair sentidos e de se fazer associações com base nele, são processos permanentes. É por isso que a formação não se dá apenas nas universidades. A graduação pode ser uma instância importante, reveladora e provocadora, mas um jornalista cultural se forma, sobretudo, na maneira como nutre e opera seu repertório.

Outra questão importante na formação de jornalistas culturais é pensar em como não reproduzir os mecanismos viciados da grande imprensa. O mercado deve ser uma referência aos cursos de jornalismo. Um curso que se pauta estritamente pelo mercado está fadado a ficar refém de lógicas empresariais que nem sempre levam em conta a qualidade das narrativas jornalísticas, muito menos o impacto que elas provocam na sociedade. As experiências em voga no mercado não devem ser tomadas necessariamente como modelo, mas, sim, como parâmetro de transformação.

A professora Olgária Mattos, durante sua fala no 1º Congresso de Jornalismo Cultural, alertou que a universidade está mimetizando o tempo da mídia mas, se a universidade se torna rápida demais, não se pensa criticamente e deixa de cumprir o seu papel. Outro risco que se corre ao se adotar de maneira acrítica as práticas vigentes específicas do jornalismo cultural é acabar produzindo o que Francisco Bosco chama de “sensacionalismo intelectual”. O autor define:

Em suma, o sensacionalismo intelectual vende agressão pessoal travestida de distância crítica. É a maneira mais baixa de autopromoção. E é claro que funciona tanto melhor quanto maior o sucesso das pessoas atacadas – pois apela aos sentimentos mais mesquinhos dos leitores: a inveja, a vontade de ver quem tem prestígio ser esculhambado publicamente; assim, quanto maior o sucesso, mais sensacional será a agressão. (BOSCO, 2009)

### **Prevalência da opinião**

Logo que alunos de cinema começam seus cursos, costumam ter em mente um objetivo: ser diretor. Não é à toa que isso acontece. Um artigo escrito em 1976 por Gore Vidal para *The New*

*York Times Review of Books*, depois publicado no Brasil no livro *De Fato e de Ficção* (VIDAL, 1987), revela o que seu autor dizia aos escritores que chegavam à Metro-Goldwyn-Mayer (MGM), um dos maiores estúdios dos Estados Unidos. “O homem ambicioso é o produtor, o bonito é o ator e o talentoso, o escritor. O diretor é o cunhado”, definia o autor dos roteiros de *Ben-Hur* (1959) e *De Repente, no Último Verão* (1959), entre outros. Com o tempo, principalmente a partir dos anos 1970, o status dos diretores cresceu de tal maneira que acabou por ofuscar o papel de destaque que cabia aos roteiristas. Muito ajudou a crítica francesa, que nos anos 1960 propagava a ideia do cinema de autor, ou seja, o diretor “escrevendo” com a câmera seu filme – algo próximo ao processo sugerido pela cultuada frase “uma ideia na cabeça e uma câmera na mão”, do cineasta Glauber Rocha, que pode soar provocativa e inspiradora, mas já rendeu muita obra precária e de qualidade duvidosa. Entrava em cena uma geração de realizadores que se tornaram personagens célebres, cercados por uma aura de inventividade e talento.

À medida que os alunos avançam nos cursos de cinema, despertam para outras possibilidades de carreira e almejam ser roteiristas e montadores, por exemplo. No jornalismo cultural, ocorre um processo similar. Há uma prevalência do exercício da opinião nas motivações dos alunos que pretendem atuar na editoria, por isso é importante que as escolas sugestionem o aluno a enveredar pelas diferentes possibilidades do jornalismo cultural. A opinião, o juízo e a apreciação podem ser substância do texto jornalístico, mas a informação, a descrição, a contextualização e a articulação entre conceitos e processos se impõem como matéria-prima principal dos suplementos culturais. Infelizmente, cada vez mais andam perdendo espaço.

Durante uma atividade realizada em aula, propus que alunos descartassem de cadernos culturais as colunas, as crônicas, o horóscopo, os quadrinhos, as palavras cruzadas e os roteiros de programação. O que sobrava? Quase nada. E nesse universo restrito, os textos geralmente eram pautados pela agenda de lançamentos. Esse quadro remete à outra reflexão vital que deve ser feita no ambiente universitário: a necessidade de se buscar pautas singulares nas editorias de cultura, que rendam, mais do que críticas e resenhas, notícias e reportagens. O olhar engessado, a acomodação e a previsibilidade são tão nocivos ao jornalismo cultural quanto uma reportagem sobre compras de última hora no Natal.

Um antídoto eficaz contra o empobrecimento da cobertura cultural é apresentar aos alunos a diversidade de formatos que podem ser aplicados à narrativa jornalística, com destaque para a reportagem. Nessa perspectiva, o estudo e a prática do chamado jornalismo literário pode ser um recurso estratégico para a qualificação dos profissionais. Não se trata de jornalismo de literatura, ou seja, que se ocupa da literatura como objeto. Essa vertente foge de olhares pré-formatados e rende textos – sejam reportagens ou perfis – que surpreendem com uma pauta que rompe com visões óbvias ou hegemônicas sobre a realidade e se propõe a instigar, a seduzir, a

provocar sensações e despertar o interesse do leitor.

Os autores, na hora de contar histórias não ficcionais, principalmente nas páginas de revistas, valem-se de recursos típicos da literatura. Profunda observação, imersão na história a ser contada, fartura de detalhes e descrições, texto com traços autorais, reprodução de diálogos e uso de metáforas, digressões e fluxo de consciência – a gama de recursos é ampla para que a realidade seja expressa de maneira elaborada e sob os mais variados aspectos. Nessa linha, vigora um profundo humanismo e sepultam-se definitivamente alguns mitos do jornalismo, como a impessoalidade e a primazia do *lead* – as seis perguntas (O quê? Quem? Como? Onde? Quando? e Por quê?) importadas do jornalismo norte-americano, que surgiram para facilitar a vida dos jornalistas, e não necessariamente dos leitores, e que se tornaram emblema de objetividade e de uma espécie de puritanismo editorial; mais do que isso, se transformaram numa espécie de camisa de força, tolhendo a criatividade e as escritas que fugissem da obviedade e da comodidade de uma fórmula pronta.

Com o jornalismo literário, o autor pode ser observador ou até mesmo participante da ação. Além do visto, o não visto – pensamentos, sentimentos, emoções – é descrito com base em um trabalho de campo efetivo, de uma apuração vigorosa, de uma entrevista pautada pelo tempo farto, pela atenção e pela acuidade. Os sentidos do repórter se encontram permanentemente alertas na leitura dos acontecimentos.

Após a apropriação do real, o resultado do registro – um texto manufaturado com a minúcia de um artesão – passa por um arguto e intenso processo de edição, algo incomum na imprensa brasileira. Na revista *Piauí*, por exemplo, as narrativas são reescritas o quanto for necessário. Uma, duas, três, quatro, cinco demãos de um editor em diálogo com o autor. Na Europa e nos Estados Unidos, a prática é comum e totalmente incorporada ao cotidiano de certas redações, principalmente de revistas de periodicidade mais larga. No posfácio da edição brasileira de *O Segredo de Joe Gould*, do lendário Joseph Mitchell, João Moreira Salles conta a história de outra lenda, William Shawn, da revista *The New Yorker*, responsável pela edição de reportagens de escritores do porte de Truman Capote, Lilian Ross e Edmund Wilson. Certa vez, um autor teve seu trabalho editado ao longo de meses, resultando em uma obra muito melhor. Ao final, queria compartilhar a autoria do texto com Shawn, que respondeu: “Não, ele pertence a você. Eu apenas o tornei mais seu”. (MITCHELL; SALLES, 2003, p.143)

É claro que em um veículo diário, que compete com outros e destina-se ao maior número possível de assinantes, vigora o imediatismo e uma busca incessante por publicar algo antes dos concorrentes. Não se pode ser ingênuo e cogitar que o diretor da redação entenderá que se esperou uma semana para publicar algo sobre o novo romance do Chico Buarque porque se pretendia dar ao leitor o melhor texto. Por outro lado, há negociações que se processam nas

redações e que podem conquistar mais tempo ou espaço para se tratar de cultura de maneira qualificada.

O tempo favorece o jornalismo cultural. Tempo para ver, escutar, sentir. Tempo para refletir. Tempo para escrever. Tempo para criar singularidades. João Moreira Salles conta no posfácio já citado, o episódio em que Joseph Mitchell viu um pica-pau em pleno exercício da ação que inspira seu nome. Mitchell se sentou e ficou a observar o toc-toc do pássaro até que, depois de duas horas de atividade, o animal atravessou o tronco de uma casca a outra. A árvore acabou tombando. Um observador apressado assistiria a alguns segundos, não mais que poucos minutos da empreitada, e seguiria seu caminho. Mitchell, um autor que ouvia e observava como poucos, dedicou o tempo necessário para testemunhar, mais do que o trivial – um pica-pau em ação –, o surpreendente – um pequeno pássaro derrubando uma árvore.

O jornalismo cultural não precisa ser pautado pelas regras ou por pactos tácitos que regem as redações em relação à cobertura cotidiana dos acontecimentos. A agenda pode se impor na definição da pauta, mas o problema é ficar refém dessa mesma agenda.

Por fim, duas reflexões de ordem estritamente subjetiva: um bom jornalista não deve se levar tão a sério, muito menos virar um personagem de si mesmo. Quem se leva muito a sério perde a leveza, a autocrítica e a capacidade fundamental de rir de si mesmo. E o jornalista que assume um personagem em sua carreira acaba por se tornar uma caricatura. E isso é muito chato. Portanto, se um aluno pretende trilhar um caminho expressivo no jornalismo cultural, é importante:

- Estudar a especificidade das implicações técnicas e éticas do jornalismo;
- Dominar as linguagens e os suportes dos veículos;
- Desenvolver narrativas que desprezem fórmulas engessadas;
- Investir permanentemente, com intensidade, na formação de um repertório;
- Articular este mesmo repertório, para que ele não se torne um mausoléu;
- Viver em constante desestabilização, do olhar e da alma, para não cair no pecado capital da acomodação; e
- Por fim, não se levar tão a sério, nem criar personagens caricatos. Personagens são bons no palco, não nas redações.

### **Bibliografia**

BOSCO, Francisco. O sensacionalismo intelectual. *Revista Cult*, nº 108.

SALLES, João Moreira. O homem que escutava. In: MITCHELL, Joseph. *O segredo de Joe Gould*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 139-157.

VIDAL, Gore. *De fato e de ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.